

Nota Sobre Ruas

Rubem Braga

RUA Álvaro Alvim. Atrás da Cinelândia, traçada exclusivamente entre altos edifícios de cimento armado, ela guarda, entretanto, muita coisa das ruas do Rio Antigo. Isso porque a fizeram estreita, sombria, escondida.

Qualquer urbanista condena isso. Se vamos abrir ruas marginadas de arranha-céus, elas devem ser largas, amplas, para que circulem à vontade os veículos, as pessoas, e também o ar e a luz. Mas não é de estranhar que a arquitetura, no Brasil, ande sempre na frente do urbanismo, nem que uma estivesse em 1920 enquanto o outro continuava na Idade Média.

Aliás arranha-céu já não é arquitetura apenas; pelo seu caráter de habitação e utilização múltiplas, ele apresenta os problemas de uma pequena cidade; e isto só lentamente começa a se compreender, pois só agora essas aldeias verticais vão sendo dotadas de serviços adequados à coletividade que abrigam, vão cuidando de ter seu jardim, seu «play-ground», sua piscina, sua lavanderia etc.

Sim, a rua Álvaro Alvim é quase medieval, pelo contraste entre seu leito e suas margens. Na Esplanada do Castelo já não se cometeu esse erro tão acentuado, apesar de seu traçado confuso e suas incoerências. Mas acontece que hoje estou pensando na rua Álvaro Alvim. Está sempre atravancada de carros e de gente, é estreita, suja, às vezes úmida. Mas no meio de tudo isso, que sombra fresca! Pode ser que tudo nessa rua esteja errado — mas para quem vem de avenidas e ruas largas com muito calor e muita luz, é doce entrar na rua Álvaro Alvim. Podem dizer que as árvores e as «loggie» podem servir de defesa nas avenidas e ruas largas — mas não é a mesma coisa.

O que me pergunto é isto; se os urbanistas modernos fossem fazer outra vez o Rio, teríamos ruas como a Ouvidor e Gonçalves Dias, por exemplo? Ruas — não galerias de pequenas lojas — ruas assim suaves, reservadas apenas para o pedestre; ruas que parecem feitas na medida da gente, fáceis de atravessar, ruas em que a pessoa encontra pessoas, ruas intensamente sociáveis, humanas, acolhedoras? Eis o que é preciso ponderar: como a avenida Presidente Vargas é hostil ao homem, é desagradável, imprópria para pessoas, feita apenas para máquinas — e como a rua do Ouvidor é humana e fácil.

Os urbanistas me acharão cândido; mas eu os conjuro a pensar na parte de doçura que havia na cidade antiga, e a reservar, na cidade moderna, algumas ruas que não sirvam para cavalos nem para motores, mas sirvam para homens, mulheres, velhos, crianças; que sejam como um clube de todo mundo, um clube de transeuntes, gratuito e suave, onde os cidadãos se vejam e às vezes se abracem.

31/8/66

M 130

CM 5.8.52